

CULTURA E IDENTIDADE NA COMUNIDADE QUILOMBOLA

Namar Oliveira Silva Figueiredo¹
Mestranda em Letras – UNINCOR

A cultura, seja nas ciências sociais ou em outras ciências, é mais do que um conceito acadêmico. Pois diz respeito às vivências concretas de sujeitos, bem como as suas formas de conceber o mundo, suas particularidades e semelhanças a partir do processo histórico social.

É por meio da cultura, que homens e mulheres estipulam regras, criam valores e significados, possibilitando assim a intercomunicação dos indivíduos e dos grupos. Desta forma, os sujeitos se adaptam aos meios e podem também transformá-los. Para Rodrigues (1986, p.11), a cultura é como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social. Ao refletir o que é viver em sociedade e produzir cultura, depararemos com um sistema de dominação de uma lógica simbólica em que os indivíduos se comportam de acordo com ela e muitas vezes sem se dar conta disto. Desta maneira podemos afirmar que tanto a vida coletiva quanto a privada se originam das relações dos indivíduos e dos grupos sociais, que ao mesmo tempo regulam estes relacionamentos.

Vejamos o que diz Rodrigues:

[...] o fato é que, uma vez constituídos, os sistemas de representações e sua lógica são introjetados pela educação nos indivíduos, de forma a fixar as similitudes essenciais que a vida coletiva supõe, garantindo, dessa maneira, para o sistema social, uma certa homogeneidade[...] (RODRIGUES, 1986, p. 11).

Então podemos afirmar que a escola ou os modelos de educação contribuíram para que a diferença entre a cultura negra e a cultura branca fossem vistas de formas diferentes, ou seja, a cultura branca dominante prevalecendo sobre a outra cultura, tida como “inferior”. (RODRIGUES, 1986).

No caso do negro brasileiro, a classificação e a hierarquização étnica existente foram forjadas no contexto das relações sociais, leia-se sistema de escravidão, onde as relações entre brancos e negros se deram no interior desta sociedade. (RODRIGUES, 1986).

Somos educados pelo meio sociocultural a enxergar certas diferenças, as quais fazem parte de um sistema de representações construído socialmente por meio de tensões, conflitos, acordos e negociações sociais. (RODRIGUES, 1986).

A cultura negra pode ser vista como uma particularidade cultural construída historicamente por um grupo étnico/racial específico, não de maneira isolada, mas, no contato com outros grupos e povos. Essa cultura faz-se presente no modo de vida do brasileiro, seja qual for o seu pertencimento étnico. Todavia, a sua predominância se dá entre os descendentes de africanos escravizados no Brasil, ou seja, o segmento negro da população. (RODRIGUES, 1986).

¹ Email: namarosf@gmail.com

Há que se considerar a consciência cultural do povo negro, atentando para o uso auto-reflexivo dessa cultura pelos sujeitos. Buscando compreender como as crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos, constroem suas tradições culturais de matriz africana na vida cotidiana. (RODRIGUES, 1986).

Desta forma buscar-se-á entender por que na pós-modernidade, a cultura negra está sendo negligenciada ou até mesmo exterminada, em função das novas tecnologias e da falta de oportunidades que são dadas aos afro-descendentes.

Tentarei exemplificar o que disse seguindo um conceito de diferença cultural e diversidade cultural.

Conceito de “diferença cultural” X “diversidade cultural”

Homi K. Bhabha, por exemplo, destaca o estereótipo e a mímica como estratégia de conhecimento e identificação. Modo de representação complexo, ambivalente e contraditório. Trata-se da construção do sujeito no discurso e no poder colonial, articulada sob as formas da diferença (racial e sexual). O sujeito dominado e o dominador estão estrategicamente colocados no interior do discurso colonial e também no pós-colonial. (BHABHA, 1998).

Ilustrarei a princípio com este poema:

QUILOMBO, HOJE

Hoje sonhei com um Quilombo
Levantei atônito, eufórico
Quase tonto, mas pronto
Pro levante, pro embate
Pra afronta, cobrar a conta
Inspirado pela ancestral fúria
Cheguei ao cume, à cor, à cura
Acalentado pela negra literatura
Hoje acordei num Quilombo
Acordei voraz, despertei feroz
Com vez, vontade e voz
Altivo enegreci a escrita
Cheio de gosto, estou disposto
Com garbo expus meu rosto
Hoje abracei um Quilombo
De letras, poesias, crônicas, contos
Quilombo que pode ser livro
Pode ser lido, ser caderno
Pode ser eu, pode ser eterno
Hoje ginguei e ensaiei um jongo
Libertei-me como um pombo
Alcei voo para um Quilombo
Hoje...

(OLIVEIRA, 1998, p. 132).

Como se dá o discurso da identidade no poema? O que poderíamos pensar em ter que alçar vôo para um Quilombo para “conviver” com a identidade? Haveria uma mescla, uma

inter-relação entre “ambiente”? Não seria um hibridismo inicial entre posições diferentes? Entre diferentes locais de cultura? (BHABHA, 1998).

A partir do conceito de hibridismo, Bhabha, por exemplo, propõe o local da cultura como o entre-lugar deslizante, marginal e estranho, que, por resultar do confronto de dois ou mais sistemas culturais que dialogam de modo agonístico, é capaz de desestabilizar essencialismos e de estabelecer uma mediação entre teoria crítica e prática política. (BHABHA, 1998).

No capítulo intitulado “DissemiNação”, Bhabha elabora o conceito de nação partindo de variações que recusam uma narrativa unitária, fundadora de sentido e organizadora do caótico a partir de um discurso “edificante”. Segundo esse pensador, o nacionalismo do século XIX revelou sua arbitrariedade ao construir discursos unissonantes, como se a nação tivesse uma nascente única. Os conflitos são ignorados, privilegiando uma concepção unidimensional da cultura, percebida como um conjunto de legados imemoriais. O discurso do nacionalismo articula um tipo de narrativa que privilegia a coesão social: “muitos como um”. (BHABHA, 1998)

De acordo com Bhabha:

em meio ao progresso e a modernidade, a linguagem da ambivalência revela uma política “sem duração” como Althusser provocativamente escreveu em certa ocasião: “Espaços sem lugares, tempo sem duração”. Escrever a história da nação exige que articulemos aquela ambivalência arcaica que embasa o tempo da modernidade. (BHABHA, 1998, p. 202).

O autor questiona “a metáfora progressista da coesão social moderna, *muitos como um*, de acordo com teorias orgânicas de holismos da cultura e da comunidade e também comungada por teóricos que consideram gênero, classe ou raça como totalidades sociais, as quais expressam experiências coletivas unitárias. (BHABHA, 1998).

Opondo-se a isso, esse teórico busca pensar a nação a partir de suas margens: as vivências das minorias, os conflitos sociais, o arcaísmo chocando-se com o moderno.

Alguns conceitos

O que são comunidades quilombolas? Segundo Brasil (2010, p.6) “são grupos com identidade cultural própria e se formaram por meio de um processo histórico que começou nos tempos da escravidão no Brasil. Elas simbolizam a resistência a diferentes formas de dominação”.

Essas comunidades mantêm forte ligação com sua história e trajetória, preservando costumes e culturas trazidos por seus antepassados. As comunidades quilombolas compõem um conjunto maior de grupos sociais, o dos povos e comunidades tradicionais. (BRASIL, 2010).

Segundo o Decreto n.º 6.040/2007, temos a seguinte definição:

[...]povos e comunidades tradicionais

São segmentos culturalmente diferenciados, que se reconhecem como tais; possuem formas próprias de organização social, ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social,

religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2010, p. 6).

Portanto, considera-se quilombola toda pessoa que se *auto-determine* pertencente a esse grupo:

A autodeterminação da identidade quilombola é um processo de reflexão da pessoa que pertence a um grupo historicamente constituído e que reivindica a sua identidade como membro deste grupo. É ele o descendente daqueles que construíram, no passado, as comunidades de quilombos. (BRASIL, 2010, p. 10).

O Brasil sendo um país com dimensões continentais tem a presença das comunidades quilombolas na quase totalidade de seus estados, tendo como exceção, os estados do Acre e Roraima. (BRASIL, 2010).

Ainda sobre as comunidades quilombolas, pode-se afirmar que:

Elas estão situadas, muitas vezes, em locais de difícil acesso e seus moradores não conseguem ir com frequência até as cidades mais próximas. Essas famílias têm dificuldades para se deslocar até a sede dos municípios mais próximos e as comunidades carecem de infra-estrutura básica que lhes garantam melhor qualidade de vida. Em muitas comunidades faltam escolas, postos de saúde, emprego formal, habitações dignas, saneamento básico, meios de transporte e comunicação. (BRASIL, 2010, p.11).

Comunidade do Taquaral

O projeto de pesquisa se refere à história da fundação, resistência e busca de reconhecimento da titularidade quilombola da comunidade do Taquaral situada no município de Três Corações – MG.

A pesquisa se dará através de visita ao campo, visando recolher elementos culturais ali existentes, bem como fazer o resgate histórico deste remanescente de quilombo, através da sua cultura, crença e identidade.

Pretende-se com a pesquisa identificar o lugar desta comunidade no contexto sócio-histórico regional. Não o lugar de exclusão, de perda de identidade, mas o lugar de cidadania, de pertencimento, a identidade de nação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Guia de cadastramento de famílias quilombolas*. 2ª ed. Brasília: MDS, 2010.
RODRIGUES, José Carlos. *O tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
OLIVEIRA, Sidnei de Paula. *Quilombo hoje*. In: RIBEIRO, Esmeralda & BARBOSA, Marcio (Org.). *Cadernos Negros: os melhores poemas. Volume 31 - poemas afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombolahoje, 1998.